

## Aspectos de variação lexical no sul do Brasil: o demônio varia no sul?

Antonio José de Pinho<sup>1</sup>  
Felício Wessling Margotti<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo dialetológico tem como metodologia a geografia linguística, a qual apresenta os dados a serem analisados em cartas que mostram a distribuição das variedades dialetais pelo espaço geográfico. A proposta deste estudo concentra-se na descrição e análise dos itens 497 e 498 do campo temático “crenças e religião” do Questionário Semântico-Lexical do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), identificando as variantes do vocábulo *demônio* e sua distribuição pelo espaço geográfico, para que se possa compreender alguns aspectos do português brasileiro falado no sul. Também se pretende analisar a relação entre regiões rurais *versus* regiões urbanas, em Santa Catarina, para se saber em qual desses espaços há uma maior variação no uso do referido vocábulo.

**Palavras-chave:** Dialectologia. Geografia linguística. Variação lexical. ALERS.

**Resúmen:** Este estudio dialectológico tiene como metodología la geografía lingüística, que presenta los datos para análisis en cartas que muestran la distribución de las variedades dialectales por el espacio geográfico. La propuesta de este estudio se concentra en la descripción y análisis de los ítems 497 y 498 del campo temático “crenças e religião” del “Questionário Semântico-Lexical” del *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), identificándose las variantes del vocablo *demônio* y su distribución por el espacio geográfico, para que se pueda comprender algunos aspectos del portugués brasileño hablado en el sur. También se pretende analizar la relación entre regiones rurales *versus* regiones urbanas, en Santa Catarina, para saberse en cuales de esos espacios hay una mayor variación en el uso del referido vocablo.

**Palabras-llave:** Dialectología. Geografía lingüística. Variación léxica. ALERS.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo dialetológico segue a metodologia da Geografia Linguística, a qual apresenta os dados a serem analisados em cartas que indicam a disposição no espaço geográfico das variedades linguísticas de natureza fonético-fonológica, morfossintática e semântico-lexical, entre outros aspectos linguísticos.

A proposta deste estudo concentra-se na descrição e análise das questões 497 e 498 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) que são, respectivamente: “Deus está no céu e no inferno está o...?” e “Que outros nomes dão para ele?” Com tais perguntas, o ALERS buscou detectar a variação no uso do vocábulo *demônio* na Região Sul do Brasil.

Como bem se sabe, a publicação de um Atlas linguístico, por si só, não é o bastante para a compreensão da variação diatópica, principalmente, das línguas

<sup>1</sup> Graduando em Letras – língua portuguesa e literaturas – pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e bolsista PIBIC/CNPq do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). E-mail: antoniojp@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: margotti@cce.ufsc.br

naturais. Portanto, após a coleta, sistematização e publicação dos dados geolinguísticos, deve haver estudos que os interpretem, buscando em trabalhos sócio-históricos a explicação (ou origem) da disposição dos dialetos pelo espaço geográfico.

No caso específico da Região Sul do Brasil, verifica-se claramente que as fronteiras linguísticas encontram íntima relação com os processos históricos de ocupação dos territórios e com a origem étnica dos respectivos colonizadores. Além disso, os territórios meridionais brasileiros foram ocupados há relativamente pouco tempo. Assim, as situações de bilinguismo atual e o português adquirido como segunda língua, há até bem pouco tempo, deixaram na língua nacional marcas muito perceptíveis, desde o nível fonético-fonológico da gramática até o lexical e morfossintático.

Tendo em mente essas considerações preliminares, percebe-se que há uma estreita e dependente relação/ligação entre coletar dados linguísticos de caráter geolinguístico e a elaboração de trabalhos interpretativos (artigos, dissertações, teses etc.). É justamente aqui que reside a importância do presente estudo, pois o Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALERS – que tem 610 perguntas, alguns das quais dobradas em subitens – abre a possibilidade para que vários estudos sejam efetuados.

O texto que segue está estruturado da seguinte forma: primeiramente apresentamos os objetivos e as hipóteses. Em seguida, faremos um resumo da configuração dialetal do Sul do Brasil com foco maior em Santa Catarina que, segundo estudos recentemente realizados sobre o tema, mostrou-se como uma nítida região de transição entre os falares gaúchos e paranaenses. Posteriormente, passar-se-á à análise dos mapas referentes aos itens 497 e 498, procurando traçar as isoglossas lexicais das variantes mais significativas. Far-se-á o cruzamento ou sobreposição dos mapas para tornar as relações mais completas. Também serão usados dados de natureza histórica e geográfica nos momentos em que estes forem pertinentes.

## 2 OBJETIVOS E HIPÓTESES

### 2.1 OBJETIVOS DA PESQUISA

Como bem foi dito acima, tomam-se dois itens do QSL do ALERS como base de análise que, no total, têm pouco mais de seiscentas questões. Com isso, o objetivo principal é elucidar certos aspectos de variação lexical na Região Sul do Brasil, mais especificamente a variação diatópica no emprego do vocábulo *demônio*, e também do fenômeno de palatalização que ocorre na última sílaba deste – *demônio/demonho*.

Além disso, faremos uma comparação entre zona urbana e zona rural com o intento de se descobrir em qual destas existe maior variação lexical no emprego do vocábulo *demônio*, ou seja, quer-se saber onde há a maior quantidade de variantes registradas.

### 2.2 HIPÓTESES

A partir de uma consulta prévia aos volumes impressos do ALERS/SC, relacionam-se quatro hipóteses sobre a variação lexical do vocábulo *demônio* na Região Sul do Brasil, a saber:

- (1) A configuração topográfica da Região Sul não é fator determinante na variação lexical relativamente ao referente de *demônio*;
- (2) O item lexical *demônio* tem uma dezena ou mais variantes sinônimas. Isso ocorre devido, principalmente, à grande religiosidade dos habitantes da Região Sul, cuja heterogeneidade cultural é notória;
- (3) Apesar do elevado índice de variação no emprego de variantes de “demônio”, acreditamos, com base em levantamento preliminar nos dados de Santa Catarina, que o item *demonho* seja predominante e que esse item lexical apresenta ampla difusão em todo o espaço geográfico estudado.
- (4) Levando em conta a diversidade cultural, étnica e religiosa da população dos três estados sulinos, crê-se que as variantes do item *demônio* – exceto *demonho* – se encontrem em uso em pontos isolados e dispersos pelo espaço geográfico de Santa Catarina e do sul, de modo geral.

### **3 PANORAMA DA CONSTITUIÇÃO DIALETAL DO SUL DO BRASIL**

#### **3.1 SANTA CATARINA**

Como bem se sabe, “são relevantes para a variação do português falado em Santa Catarina as contingências impostas pelas características topográficas, destacando-se as dificuldades de intercâmbio entre o litoral e as demais regiões, devido à Serra Geral” (MARGOTTI; VIEIRA, 2006a, p. 248-9). Os mesmos autores, no mesmo estudo, concluem que as “diversas isoléxicas apontam para a existência de duas grandes áreas linguísticas: a faixa leste e a faixa oeste, separadas pela Serra Geral” (p. 257). Portanto, não há dúvida de que a nítida divisão dialetal que ocorre entre o leste e o oeste deve-se, dentre outros fatores não menos importantes, à configuração geográfica da região, que dificultou, durante o período de formação/ocupação de Santa Catarina, a comunicação entre tais porções territoriais do sul do Brasil, fato também reiterado em outro estudo de Margotti e Vieira (2006b).

Entretanto, a hipótese inicial deste presente estudo consistia no fato de que tal configuração dialetal de Santa Catarina não influenciaria de maneira significativa no uso das variantes do item lexical *demônio*, pois se acreditava que fatores de ordem religiosa atuariam no sentido de homogeneizar (ou diminuir) o processo de variação linguística nessa parte do léxico, como, por exemplo, o fato de a grande maioria dos catarinenses serem cristãos católicos.

Margotti e Vieira (2006a; 2006b), com base em estudos do léxico confirmam a divisão de Santa Catarina em duas grandes divisões dialetais. Contudo, é temerário pensar que a constituição dialetal do Sul, mais especificamente do território catarinense, é tão simples assim. A faixa leste e a faixa oeste apresentam outros padrões dialetais em seu interior que têm uma estreita relação não só com fatores de ordem geográfica, mas principalmente devido à história da colonização e das rotas de comércio deste Estado e também do Sul do Brasil como um todo. Assim, cada uma destas áreas, por sua vez, subdivide-se em outras.

A faixa leste parte-se em

três subáreas: Uma delas, [...] de influência açoriana, parte do Litoral e avança em direção à serra, ocupando o Sul e limitando-se ao Norte, ora na Região de Itajaí, ora indo além até São Francisco do Sul. [...] Outra subárea é de influência europeia e corresponde , mais ou menos, ao Médio Alto-Vale do rio Itajaí-Açu (MARGOTTI; VIEIRA, 2006b, p. 120).

Num significativo artigo, Altenhofen (2002, p.128) escreve que as principais características da faixa leste são:

- a manutenção da concordância “padrão” da 2ª pessoa do singular (ex.: tu fizeste);
- a “ausência de palatalização de /t/, p. ex., em mentira e tio”
- a “palatalização de /s/” em final de palavra como ocorre com o português de Portugal.

A faixa oeste, dialetalmente bem diferente da leste, também não pode ser tomada como uma zona dialetal homogênea, muito pelo contrário. Ela subdivide-se em outras duas regiões. A primeira delas, denominada de Corredor Lateral (MARGOTTI; VIEIRA, 2006b), corresponde ao território que foi ocupado pela expansão da colonização europeia do Rio Grande do Sul durante o século passado. O reflexo mais significativo deste processo histórico, atualmente, pode ser exemplificado com a concordância verbal de 2ª pessoa do singular que permanece basicamente com a configuração característica do território gaúcho, como se pode observar nos exemplos abaixo:

(1) Tu *foste* para casa.

(2) Tu *foi* para casa.

(3) Tu *cantaste* um bela canção.

(4) Tu *cantou* uma bela canção.

Nestes exemplos pode-se ver que a típica concordância do Rio Grande do Sul – exemplos 2 e 4 – de terceira pessoa faz com que o verbo ocorra com a morfologia de terceira pessoa do singular, em que *ele cantou* e *tu cantou* se neutralizam, ou seja, apresentam a mesma forma verbal. Há, assim, uma considerável mudança desta variante dialetal da flexão padrão para o pronome *tu*, segundo as descrições da gramática tradicional – exemplos 1 e 3.

Outra grande divisão dialetal do português falado em Santa Catarina é o chamado Corredor Central que sofreu forte influência dos tropeiros, durante a segunda metade do século XVIII, que transportavam gado das pastagens gaúchas para a comercialização em São Paulo. Lembremos que Corrêa Pinto, em 1771, fundou a então vila de Lages “onde foram criadas as primeiras fazendas pelos paulistas” e “à medida que o rebanho crescia, estendia-se rumo oeste” (AURAS, 2001, p. 28).

Uma interessante consequência desses fatos históricos é que essa região é hoje habitada por pessoas que, em sua maioria, falam apenas o português. Tal área geográfica tem Lages como centro irradiador, mais ou menos ao centro, São Joaquim ao Sul, Bom Retiro e Urubici ao leste, Campos Novos e Anita Garibaldi ao oeste e Legon Régis ao norte.

Os municípios citados no parágrafo acima correspondem a uma subdivisão do Corredor Central. A outra subdivisão situa-se ao norte de Lebon Régis, de Porto União até São Bento do Sul. Lexicalmente, esta região se caracteriza pelo uso *cobra-cega* (item: QSL 0519.a – cabra-cega), variante de *cabra-cega* (MARGOTTI; VIEIRA, 2006, p. 130).

Outra característica marcante do Corredor Central é a flexão verbal que acompanha basicamente a flexão do Paraná (seção 2.2), contudo, com uma maior ocorrência de sujeito nulo. (ALTENHOFEN, 2002)

### 3.2 PARANÁ E RIO GRANDE DO SUL

Este breve “resumo” da variação dialetal do português no Sul do Brasil concentrou-se até agora em Santa Catarina, pois, como foi dito acima, esse Estado é uma espécie de “área de transição” entre o dialeto paranaense e o dialeto gaúcho. Isso não quer dizer, no entanto, que Paraná e Rio Grande do Sul sejam áreas linguísticas homogêneas e totalmente distintas umas das outras.

O dialeto paranaense se caracteriza pela conservação do ditongo /ej/, como em *queixo* e *queijo*, por exemplo. Esse traço dialetal também é registrado em Santa Catarina, principalmente na região nordeste, como nos municípios como São Bento do Sul, Corupá, Benedito Novo e outros no entorno dessa área.

Outro traço dialetal importante do Paraná é a presença do /r/ retroflexo em posição de coda silábica, que é largamente difundido nesse estado, provavelmente, por influência (contato) do(s) dialeto(s) paulista(s).

Outra característica do *português* falado no Paraná é a predominância do uso de *você* para a segunda pessoa e o verbo flexionado na 3ª pessoa do singular. Exemplo: *você fez* (Anexo 3).

Já no Rio Grande do Sul há um intenso uso do pronome *tu* que, entretanto, em muitos pontos deste estado, faz a concordância com o verbo da mesma forma que o pronome *você* – *tu fez/você fez*. Tal característica dialetal é mais intensa nas porções mais meridionais do território gaúcho, sendo que, ao norte, inclusive em regiões de fronteira com Santa Catarina – e outros pontos –, há o registro de *você*.

Não se deve esquecer que a concordância canônica – *tu fizeste* – é localizada em alguns pontos dispersos pelo território do Rio Grande do Sul, principalmente nas porções mais ao sul. Ter-se-ia, aqui, uma influência do espanhol por causa do contacto linguístico? Eis uma questão muito interessante, mas que extrapola os objetivos deste estudo.

#### 4 VARIAÇÃO DIATÓPICA DO VOCÁBULO DEMÔNIO NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Tendo em vista os objetivos deste estudo, serão apresentados e analisados, nesta sessão, os mapas 1 e 2 (Anexos 1 a 3), que são adaptações dos mapas 293 e 294 do volume III do ALERS (no prelo).

Nos mapas originais, formas bem distintas como [de'mõŋo] ou [de'mõnjo] – só para dar dois exemplos – eram agrupadas sob uma mesma transcrição ortográfica, a saber, demônio. Entretanto, considerando que este estudo tem como objeto um aspecto muito específico do Questionário Semântico-Lexical do ALERS, os mapas foram alterados tendo como base as transcrições fonéticas fornecidas pelos relatórios. Assim, as variantes não-padrão *demonho* e a variante padrão *demônio* estão representadas nos mapas com símbolos diferentes para que a análise pudesse dar conta de tais fatos.

Como se poderá conferir mais adiante, tal distinção foi de suma importância para este trabalho, tendo, inclusive, revelado certas peculiaridades não previstas nas hipóteses iniciais.

Também é importante ressaltar que há uma grande variedade de formas fonéticas para as variantes que foram incluídas dentro de um dos dois grupos (demônio, “demonho”). Para “demonho” ocorreram 9 formas fonéticas diferentes e para demônio ocorreram 6.

##### “Demonho”

[de'mõŋo], [de'moŋo], [de'mõŋo], [de'moŋo], [te'moŋo], [de'mõŋo], [te'moŋo], [de'moŋo], [de'moŋo].

**Demônio** → [de'monjo], [de'mõnjo], [de'mõnjo], [de'moniø], [de'monjo], [de'moŋjo].

#### 5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

##### 5.1 ÁREA RURAL VERSUS ÁREA URBANA EM SANTA CATARINA

Vamos aqui fazer uma descrição mais aprofundada sobre a variação encontrada no uso do vocábulo *demônio* em Santa Catarina, pois há pontos nos quais mais de uma resposta é dada, observando que, com relação ao Paraná e ao Rio Grande do Sul, tivemos acesso somente à primeira resposta dada pelos informantes, diferente do que não ocorreu com relação aos dados relativos ao Português falado em solo catarinense. Ou seja, tivemos mais dados disponíveis para poder descrever com mais detalhes a variação nos itens 497 e 498 em Santa Catarina.

No momento inicial da pesquisa, tudo indicava que as áreas rurais apresentariam um percentual mais acentuado de variação no uso do vocábulo, com grande ocorrência de formas mais estigmatizadas ou não dicionarizadas, portanto, formas da língua não-padrão. E, ao contrário, os informantes de área urbana tenderiam a usar variantes da língua padrão.

Os relatórios do ALERS confirmaram essa nossa hipótese. Para uma melhor análise, vejamos a tabela 1.

	Área Urbana: nº de variantes	Área Rural: nº de variantes
Item 0497.a	4	8
Item 0498.a	9	12
Total	13	20

**Tabela 1:** Ocorrências da variantes de “demônio” em Santa Catarina

O que mais nos chama a atenção é o fato de que temos exatamente o dobro de variantes registradas em áreas rurais catarinenses para o item de número 497.a. Já quando olhamos o item seguinte, logo se percebe uma taxa de variação maior (mais variantes detectadas). Na zona rural temos, apenas, o registro de mais três variantes do que nas regiões urbanas.

Poderíamos dizer, assim, que a nossa hipótese se confirma, porém não de forma efetivamente plena, visto que não existem diferenças muito grandes entre as duas áreas no que diz respeito ao segundo item. Sobre isso, é importante deixar claro que, devido à natureza da pergunta do item 498 (Que outros nomes dão a ele?), há vários informantes que forneceram ao entrevistador outros vocábulos usados na região, e que possuíam basicamente a mesma significação. E foi justamente por meio dessa pergunta do Atlas que se conseguiu obter o registro das variantes mais características da fala local.

Pois bem, na maioria dos municípios rurais catarinenses, houve a ocorrência de mais de uma variante, ressaltando que em vários deles até quatro variantes ou mais foram obtidas.

Mais adiante trataremos mais detalhadamente dessas outras variantes. Por ora, centremos foco somente nas primeiras variantes fornecidas pelos informantes, as quais estão dispostas na tabela 2, onde destacamos a variante não-padrão *demonho*, o principal objeto deste estudo.

Área Rural			Área Urbana		
Item 0497.a	Variante	Nº de ocorrência	Item 0497.a	Variante	Nº de ocorrência
	diabo	57		diabo	15
	"demonho"	8		demônio	1
	satanás	3		"demonho"	1
	demônio	2		"saci"	1
	capeta	2			
	lúcifer	1			
	bichinho	1			
demo	1				
Item 0498.a	Variante	Nº de ocorrência	Item 0498.a	Variante	Nº de ocorrência
	"demonho"	19		demônio	4
	satanás	13		capeta	4
	demônio	12		diabo	3
	capeta	12		satanás	2
	diabo	11		"demonho"	1
	"temonho"	1		chifrudo	1
	"coisa ruim"	1		"timbangá"	1
	guampudo	1		"coisa ruim"	1
	"o coisa"	1		santa fé	1
	serelete	1			
	curisco	1			
judá	1				

**Tabela 2:** Lista de variantes de "demônio" como primeira resposta dos informantes

Como se pode ver na tabela 2, *demonho* configura-se como uma espécie de "variante não-padrão", que é significativamente mais utilizada na área rural. No item 497, há 8 ocorrências, sendo que para diabo há 57. Mas no total, se elas forem somadas às ocorrências de *demonho* no item seguinte (onde seu uso predominou), temos 27 pontos nos quais *demonho* foi dada como primeira resposta na zona rural. E, desta forma, confirmou-se uma parte importante de nossa segunda hipótese.

Porém, na realidade, a variante *demonho* encontra-se muito mais difundida em Santa Catarina nas regiões rurais. Em vários municípios, esta forma foi registrada, mas não como primeira resposta para o segundo item da tabela.

Ainda considerando o item 497, facilmente se constata que, nas regiões urbanas, praticamente não ocorre tal variante do vocábulo demônio. Temos apenas dois registros, sendo um em cada item, ressaltando que foi somente em Criciúma que a variante foi utilizada em meio urbano.

Passando para o item 498, a relação dialetal entre campo e cidade confirma-se. Mas o mais interessante é que a forma "demonho" predominou nas zonas rurais com 19 ocorrências. Portanto, ela está bastante difundida em território catarinense. Agora basta saber se é possível traçar-se uma isoglossa que comprove alguma sistematicidade na disposição geográfica da variante. Isso será visto mais adiante.

Considerando, por outro lado, a questão dos vários vocábulos que são usados como sinônimos de *demônio*, podem-se dividir, para efeitos didáticos e teóricos, as variantes em dois grandes grupos: 1) as variantes mais significativas; 2) as variantes menos significativas.

Consideram-se, aqui, como “menos significativas”, as variantes que contaram com apenas uma ocorrência, e como “mais significativas” as que ocorreram duas ou mais vezes. Considerando-se tal divisão, como podemos observar, de acordo com os dados a tabela acima, o ambiente rural, principalmente o catarinense, favorece o “aparecimento” de variantes do grupo 1. No item 498, temos 7 formas menos significativas no meio rural contra 5 no meio urbano. Talvez, num primeiro momento, tal diferença não pareça tão significativa, mas (ainda considerando o item 498), se observarmos os pontos que informaram mais de uma variante, podemos ver que a distância dialetal entre o campo e a cidade cresce de forma muito acentuada.

Por exemplo, temos 7 variantes fonéticas para a forma “tibinga” (a mais comum desta série) utilizadas no meio rural, a saber: *timbinga*, *timbiga*, *timbingui*, *tibinga*, *binga*, *tibiri* e *quinbingui* – esta detectada no ponto 562.

Como se percebe facilmente, as condições sociais do meio rural (por exemplo, maior precariedade de sistema de ensino, poucas escolas, poucos professores, relativo isolamento geográfico etc.) propiciam variações bem acentuadas na constituição fonética dos vocábulos, que acabam sofrendo alterações bem significativas, como, por exemplo, as formas “menos significativas” *tibiri*, que ocorreu somente em Ituporanga, e *quinbingui*, que ocorreu em São Joaquim.

Além dessas variações de “tibinga”, temos o registro de mais de trinta variantes para *demônio* na zona rural, algumas com uso bem difundido pelo estado, como “coisa ruim”. Porém, a grande maioria delas é utilizada em áreas bem restritas, talvez apenas de uso familiar, ou até mesmo formas criadas para uso num contexto particular. Citemos, como exemplo, as seguintes variantes: *merisco* (Presidente Nereu), *saci* (Governador Celso Ramos), *demôsculo* (Bom Retiro), *coringi* (Araranguá) e *falizeu* (Taió) – esta, possivelmente, seja uma variação de “fariseu”. Um futuro estudo etimológico de natureza diacrônica poderia revelar a vinculação das variantes acima com formas arcaicas do vernáculo, ou podem se tratar de empréstimos linguísticos, o que seria bem possível, tendo em vista a grande diversidade de povos que colonizaram Santa Catarina.

Considerando-se fatos abordados, tudo leva a crer que as condições sociais das zonas rurais propiciam a formação de novas variantes para um mesmo vocábulo. Assim, é em tais regiões que mais facilmente encontra-se um léxico mais repleto/rico de regionalismos, portanto, com marcas mais peculiares e próprias do dialeto local. Traços que são impressos pela cultura daqueles que fazem uso da língua.

Por outro lado, nos centros urbanos há uma grande tendência para o uso de uma linguagem mais “padronizada”, no caso, de um léxico mais padrão e, assim, constituído por um número bem menor de regionalismos.

### 5.1.1 A VARIAÇÃO DIASTRÁTICA EM SANTA CATARINA

O ALERS também registra dados de natureza diastrática em seis municípios considerados urbanos de Santa Catarina. São eles: Blumenau, Chapecó, Criciúma, Florianópolis, Joinville e Lages.

Diferentemente do que foi feito na região rural – onde apenas um informante foi entrevistado por município –, nas cidades acima citadas, três pessoas responderam ao questionário do ALERS. Uma com o segundo grau, outra com um nível de escolaridade entre 5ª e 8ª série do primeiro grau e, por último, um analfabeto.

Analisando a variação do vocábulo *demônio* no item 497 do QSL, podemos constatar que não há muita influência do nível de escolaridade neste caso. Por exemplo, em Blumenau, Florianópolis e Lages todos os três informantes usaram a mesma variante: *diabo*.

Em Chapecó, registrou-se a forma *saci* sendo usada pelo falante que tinha cursado o 1º grau. Mas o informante mais escolarizado e o analfabeto utilizaram a mesma variante, a saber, *diabo*. E, finalmente, em Joinville ocorre algo semelhante. Só que, ao invés de *saci*, o informante com 1º grau usou a forma *demônio*, que não é estigmatizada.

No item seguinte, há a ocorrência de um número maior de variantes (8), mas a natureza dos dados finais não nos permitiu abstrair um padrão, na variação do uso desse vocábulo, que apontasse para alguma conclusão. Obviamente, como era esperado, os sujeitos mais escolarizados utilizariam as formas mais próximas do português padrão; e os menos escolarizados, as variantes típicas da região.

Mas não foi o que ocorreu. Por exemplo, em Joinville e em Blumenau, os informantes mais escolarizados e os analfabetos forneceram as mesmas variantes, *demônio* e *capeta*, respectivamente. E os medianos o vocábulo *diabo*. Já em Lages, a variante *santa fé*, que não é padrão no contexto urbano, foi utilizada pelo informante mais escolarizado.

Portanto, não se pode, por ora, abstrair uma sistematicidade na variação diastrática em Santa Catarina. Possivelmente, para tal propósito, seja necessário um número maior de dados. Um outro estudo poderá cruzar os dados diastráticos do léxico no intuito de encontrar um padrão mais sistemático na variação.

## 5.2 A VARIAÇÃO DE DEMÔNIO NO SUL DO BRASIL

Passa-se, agora, a analisar comparativamente os dados dos três estados da Região Sul do Brasil relativos à zona rural.

No item 497.a do QSL, foram registradas 12 variantes para o objeto em questão, *diabo*. Essa variante, inclusive, foi a que mais ocorreu, tendo sido registrada em 205 pontos. Em segundo lugar empataram *demônio* e *demonho*, com 16 ocorrências para cada variante. Outras duas de relevância são *capeta* (11 ocorrências) e *satanás* (8 ocorrências).

As variantes menos significativas são: *cão* (3 ocorrências) e *coisa ruim* (2 ocorrências). *Dono da mentira*, *lúcifer*, *saci*, *demo* e *bichinho* contam com aparição em apenas um ponto.

O mais interessante ocorre quando se presta atenção na variante *demonho*. Como foi dito antes, à pergunta 497 do QSL (“Deus está no céu e no inferno está o...?” Objeto: diabo.) se obteve um registro significativo da variante não padrão “*demonho*”, em dezesseis pontos no sul do Brasil, totalizando oito ocorrências em Santa Catarina e o mesmo número no Paraná. Sendo assim, logo salta aos olhos, tendo em vista este aspecto do Atlas, que no Rio Grande do Sul há uma realidade dialetal bem distinta da existente no Paraná e Santa Catarina, pois no território gaúcho não houve ocorrência da variante “*demonho*”.

Inicialmente, não se esperava uma distribuição muito regular e sistemática que possibilitasse a delimitação de isoglossas. Nossa terceira hipótese espelha muito bem o ponto de vista inicial que tínhamos sobre o objeto de estudo. Entretanto, ao traçarmos isoglossas, foi possível perceber um padrão na disposição geográfica das variantes que acaba confirmando estudos feitos anteriormente sobre a variação dialetal nos estados do sul (cf. ALTENHOFEN, 2002).

Para exemplificar isso, tratemos do mapa 1 (Anexo 1) que, por sinal, já revela dados interessantes. Nele podemos observar que a variante “*demonho*” é detectada em vários pontos do Paraná e de Santa Catarina, menos nas porções mais ao leste destes. Também, para o nosso estudo, é relevante destacar o fato de que no Rio Grande do Sul também não houve ocorrência da variante neste mapa.

O mapa 01, analisado separadamente, é enganador. Dentro da zona dialetal caracterizada pelo uso de *demonho*, temos grande parte do litoral catarinense (menos a porção mais ao sul), estendendo-se para a região nordeste e toda a parte norte do Corredor Central. Ainda dentro dessa área tem-se toda a faixa leste do Paraná, avançando em direção ao oeste.

Para uma análise satisfatória, é necessário que comparemos tais fatos com o Mapa 2, que mostra geograficamente a disposição das variantes do item 498. Nele, boa parte do Paraná encontra-se dentro da isoglossa que demarca a região de ocorrência de *demonho*, menos a região mais ao norte. Esta variante também é registrada em boa parte do território catarinense, exceto a sua região oeste. Porém, ainda no interior desta região, *demonho* ocorre em dois municípios: São Lourenço do Oeste e Maravilha, fato que pode ser explicado por contatos linguísticos com o Paraná.

No mapa 2 (item 498), encontramos alguns registros isolados da variante, como nos municípios de São Francisco de Paula (ponto 772), Vacaria (ponto 713) e Rio Grande (ponto 839), no Rio Grande do Sul.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Aparentemente, portanto, confirma-se a segunda hipótese de Altenhofen (2002, p. 125), segundo a qual

a nosso ver, o chamado Leque Catarinense, que transforma Santa Catarina em zona de transição entre duas grandes áreas linguísticas, a paranaense e a rio-grandense, constitui-se, na verdade, de uma série de deslocamentos.

Assim, nosso estudo corrobora as afirmações de Altenhofen (2002) que entendeu o território catarinense como uma região de transição entre padrões dialetais tipicamente gaúchos, de um lado, e paranaenses, de outro.

A região oeste de Santa Catarina, em que predominantemente não ocorreu “demonho”, possui uma afinidade dialetal maior com o Rio Grande do Sul do que com o litoral catarinense. Isso se explica pela origem histórica dos colonizadores do oeste que, em grande parte vieram de terras gaúchas.

No Paraná também há o predomínio marcante da forma “demonho”, principalmente nas regiões de maior proximidade com Santa Catarina. Entretanto, mais ao norte a força esse traço dialetal diminui. Apesar de os informantes não terem dado esta variante como primeira resposta, ela pode ter aparecido posteriormente, como segunda resposta.

Segundo Brandão (1991, p. 23), existe uma “força niveladora das normas que se irradiam dos grandes centros”. Sua afirmação não poderia ser mais apropriada. Realmente, a riqueza dialetal no léxico é bem menor nas cidades de grande porte (a fala urbana se apresenta como mais padronizada), sendo muito mais ampla em contextos rurais de fala. Isolamento geográfico e um percentual maior de pessoas menos escolarizadas são fortes fatores que propiciam uma maior aceitabilidade de regionalismos lexicais relacionados às peculiaridades culturais das mais variadas regiões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino (org.). **Variação e mudança no português falado da região sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002. 342 p. p. 115-145.

ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)**. Volume 1: Introdução; Volume 2: Cartas fonéticas e Cartas morfossintáticas. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

AURAS, Marli. **Guerra do contestado**: a organização da irmandade cabocla. 4 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001. 177 p.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991. 88 p.

CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994. 95 p.

MARGOTTI, Felício W.; VIEIRA, Hilda Gomes. Características de uma área lexical heterogênea na Região Sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (org.). **Variação, mudança e contato linguístico no português da região sul**. Pelotas: EDUCAT, 2006a.

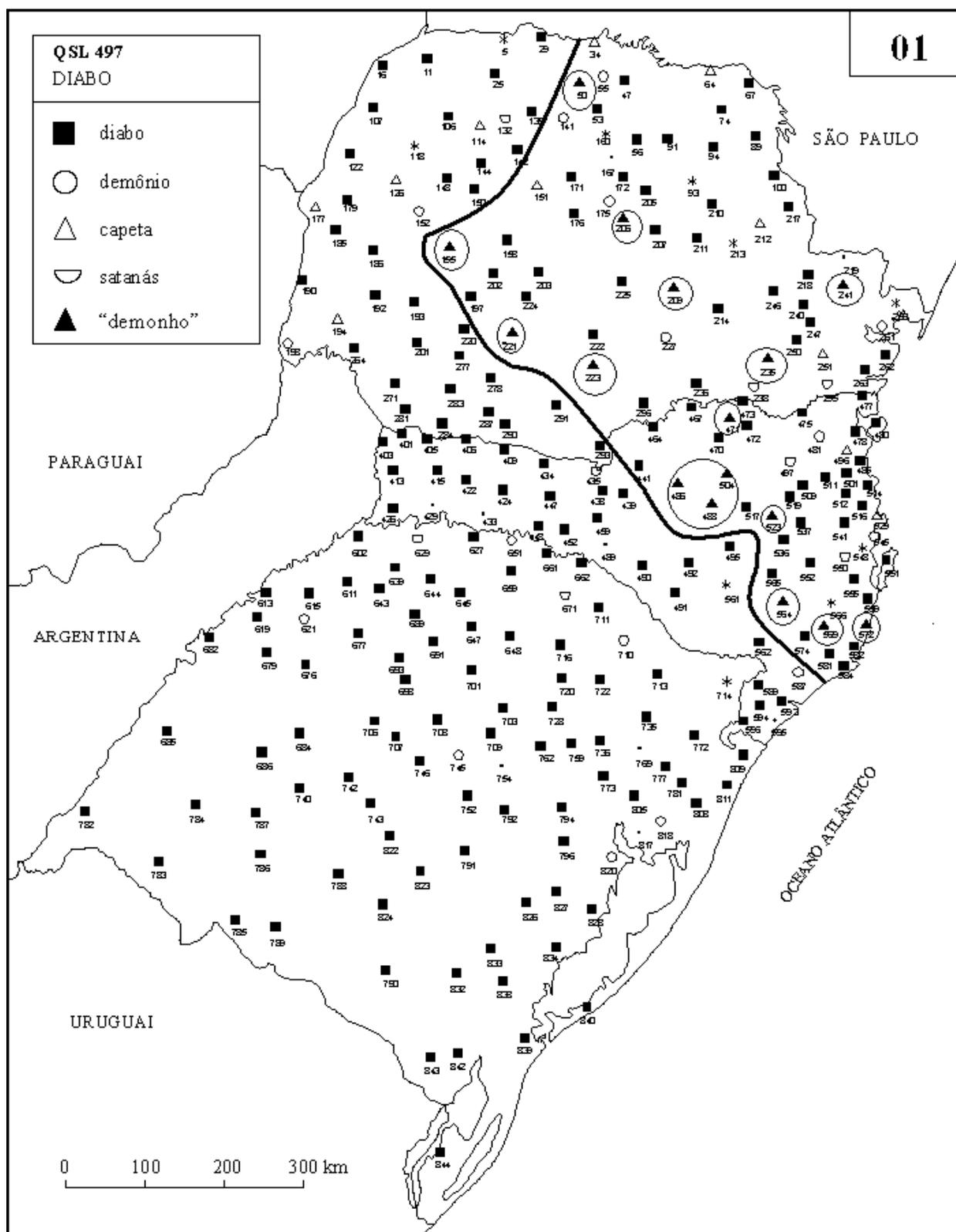
**MARGOTTI**, Felício W.; **VIEIRA**, Hilda Gomes. Indicadores de áreas lexicais em Santa Catarina: subsídios para políticas de ensino de língua portuguesa. In: **COELHO**, Izete L.; **GORSKI**, Edair M. (org.). **Sociolinguística e ensino**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006b. 288 p. p. 109-133.

Recebido em 02/10/2009

Aceito em 07/11/2009

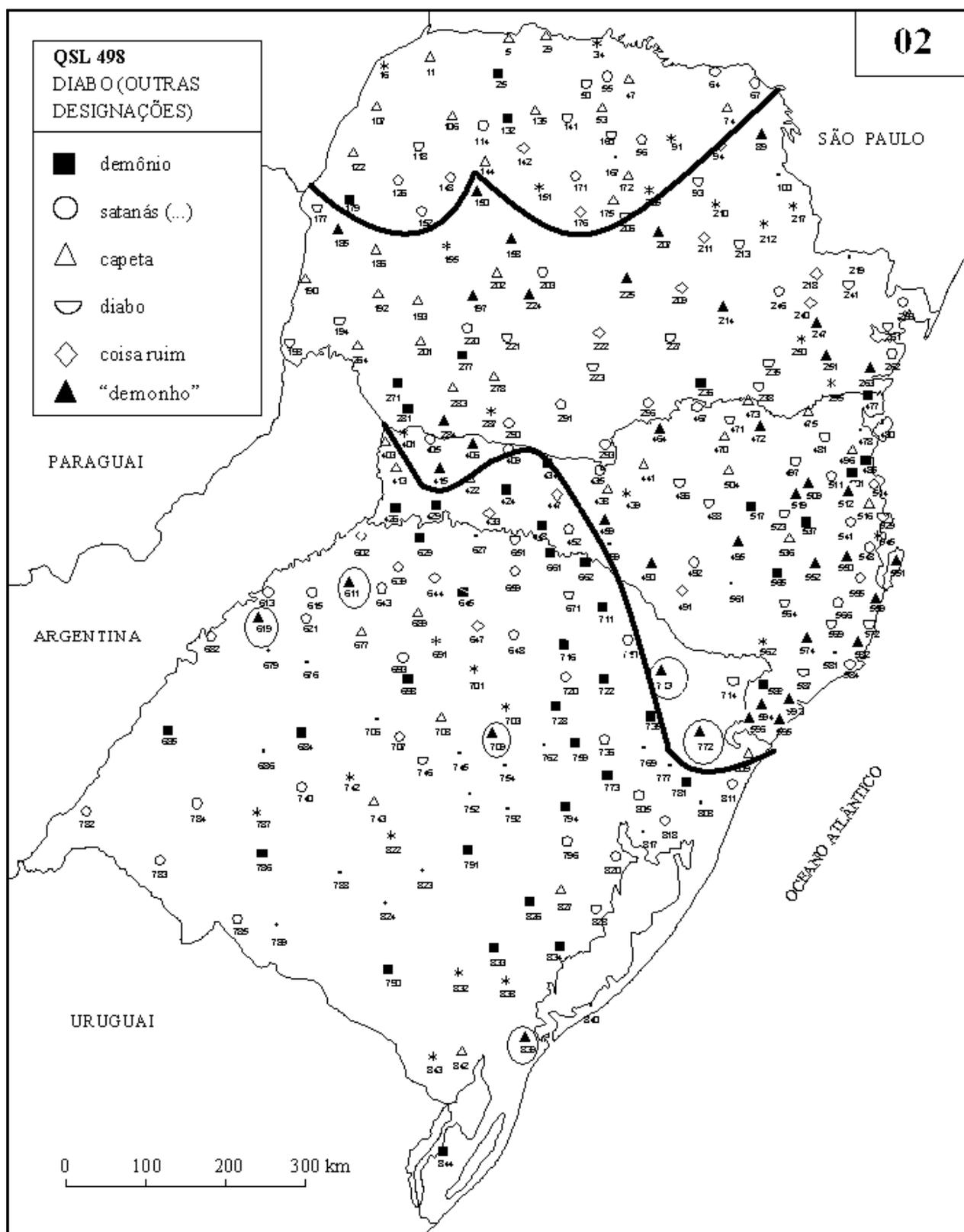
Anexo 1

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



## Anexo 2

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



Anexo 3

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

